



“The Iron Dragon's Daughter” por Michael Swanwick (1993).

Edição: Millenium/Gollancz (1994), Reino Unido. ISBN: 1857981464
416 páginas, paperback.

Produtos da febre comercial gerada pelo enorme sucesso d’*O Senhor dos Anéis* de Tolkien, têm desabrochado (primeiro no estrangeiro desde a década de 70 e agora também em Portugal) séries intermináveis de fantasia épica, de qualidade duvidosa e nada mais que clones menores da obra do velho professor. O que todas elas têm em comum, para além do moralismo míope que herdaram e da pobreza literária cada vez mais acentuada, é o facto de nenhuma trazer nada de novo ao género. Limitam-se antes a recolher os conceitos mais apelativos, bem conhecidos dos contos de fadas tradicionais, e dar-lhes um toque de falsa modernidade para camuflar alguns dos tiques mais reaccionários do punhado de escritores que pretendem emular — não apenas J. R. R. Tolkien, como também, ainda que em menor grau, C. S. Lewis.

Pior que isto, só mesmo os clones destes clones.

Urge, portanto, reinventar um género em crise de significados e imaginação, e é neste contexto que se torna imprescindível

a leitura de obras como *The Iron Dragon's Daughter* do escritor norte-americano Michael Swanwick, que demonstra habilmente tudo o que a fantasia épica não é, e que, pelo andar das coisas, nunca será.

The Iron Dragon's Daughter surpreende por reutilizar muitos dos *clichés* conhecidos da fantasia convencional ao mesmo tempo que os desanca alegremente ao virar de cada página. E embora possa parecer que o único objectivo do livro é subverter as figuras de elfos, dragões, duendes e afins, Swanwick liberta o verdadeiro potencial escondido sob as camadas poeirentas destes e outros tropos numa orgia anárquica, excitante e invulgar.

A palavra orgia não surge aqui por acaso: toda a história vibra sob a superfície com fortes tensões sexuais e é frequentemente explícita na representação da sexualidade. A narrativa acompanha a protagonista Jane Alderberry ao longo da adolescência, com todas as descobertas e incertezas que lhe são características, desde os dias na fábrica que explora trabalho infantil para construir dragões (uma das situações iniciais é de facto a primeira menstruação de Jane, que a salva de um possível contacto pedófilo com o supervisor), até aos anos de universidade onde aprende a utilizar o sexo como catalizador de poderosa magia e instrumento de domínio sobre outros.

Por esta altura convém fazer uma comparação com a fantasia mais conservadora, onde é bastante raro encontrar uma personagem feminina com o mesmo protagonismo e *poder* que Michael Swanwick confere a Jane Alderberry. Onde quer que os unicórnios se deixem apanhar apenas por uma virgem, a castidade das donzelas é proclamada virtude com o intuito básico de as castrar.

É orgia também no sentido de haver em *The Iron Dragon's Daughter* uma fusão de